

Xosé Carlos Carneiro. *Jorge Luis Borges*. Madrid: ESPASA, CALPE, 2003. 254 pp. [Com fotos, Cronologia, Documentos, Bibliografía, Índice Onomástico].

Uma iniciação a Borges

Borges é um autor muito estudado e muito biografado. Com o título *Jorge Luis Borges* o escritor galego Xosé Carlos Carneiro acrescenta mais um título à fortuna biográfica de um grande clássico da literatura do século XX, o argentino universal Borges.

Trata-se de um livro rico, informativo, alcançando às vezes densidade interpretativa, sempre pessoal, útil, redigido com clareza embora com alguns excessos retóricos.

O autor procura em todo o livro afastar-se da escrita de uma biografia convencional, tentando e conseguindo, na verdade, realizar uma apreensão global da figura literária e humana de Borges. O escritor aparece apresentado em suas várias facetas – o de autor de “ficções”, poeta, ensaísta, inventor de contos policiais, antologista, tudo isto dentro de um esquema cronológico e intercalado por elementos biográficos de Borges.

Carneiro não faz propriamente uma biografia de Borges já que, como ele enfatiza, o importante nesta última é sempre a literatura, paixão devoradora para a qual viveu e que lhe deu todas as glórias e todos os triunfos.

Embora fosse um homem com suas fraquezas e pontos fortes, posições pessoais e políticas, amigos e inimigos, foi principalmente um gênio literário, para quem a literatura era tudo, cujo ofício consistia em construir mundos imaginários com a palavra.

O livro de Carneiro constitui, portanto, menos uma biografia do que um esforço de recuperação ampla do universo borgiano, com todas as suas obsessões – os livros, os sonhos, os espelhos, os tigres, as línguas mortas... – sua impressionante riqueza, sua utilização da cultura universal num registro literário, todos estes elementos impregnados de uma inquietação metafísica onipresente.

Carneiro escreveu um livro apaixonado, obra de um borgiano devoto, no qual nos entrega o *seu* Borges, a sua reconstrução pessoal de um autor por ele considerado gênio, palavra reiterada por ele em relação ao escritor argentino, durante o desenrolar do seu “cuento”, o seu ensaio introdutório a Borges, diremos nós.

E ao recortar uma obra imensa, sinuosa, sutil, cheia de pistas e despistadora do mago buenairense, algumas linhas de força, motivos, momentos, detalhes, o autor certamente recupera elementos dos mundos de Borges, mas faz igualmente, pelo menos de maneira parcial, seu auto-retrato intelectual, explicita sua concepção do fazer literário.

Eis, além de Borges, a lista de seus autores preferidos e de sua contribuição para a literatura: “Cervantes consagró la aventura, su aventura. Balzac descubrió el peso del hombre en medio de la historia. García Márquez evidenció los mundos mágicos que existen dentro del mundo real. Camilo José Cela hizo del lenguaje un modo de acaparar cualquier modo narrativo. Valle-Inclán santificó el vigor de la prosa y sus conjuntos, que son varios: esperpentos, tiranías, irrealidades, hechizos... Proust nos descubrió la longevidad del tiempo, y Joyce, su contrario, la inasible brevedad. (...) Tolstoi nos abrió los infiernos de lo irracional, los mismos que Kafka profetizó con agonía. Dostoievski

senãló la delgada línea oscura del hombre. Flaubert, embebido de estética, nos aportó el vigor de lo cotidiano”.

Deste modo, ao realizar uma história de Borges enquanto criador literário-intelectual – o autor revela-se inteiramente como escritor para quem Borges funciona como inspiração e modelo, como o mestre maior da mesma fraternidade literária.

O que transparece da trajetória do escritor Borges recriada com certa minúcia por Carneiro é a de um homem de letras visceral, mas para quem a cultura contava, constituía elemento interno de sua produção: Borges sempre expressou-se como escritor culto, erudito, o que transparece em cada linha do que escreveu.

Isto certamente constitui um elemento diferenciador dele em relação aos escritores argentinos, pelo menos em relação à maioria deles: como disse Carneiro, Borges não é principalmente representativo da literatura argentina. Ele sempre foi um criador universal, tão à vontade no trato das suas paixões literárias “estrangeiras” (Chesterton, Shakespeare, Kafka, Quevedo, Cervantes, Virginia Woolf e muitos outros) ou culturais em geral (a *Bíblia*, Schopenhauer, as sagas islandesas, a *Enciclopédia Britânica*) quanto com os autores e livros argentinos que amava (Lugones, Macedonio Fernández, Martín Fierro).

Para falar em termos poundianos, Borges tinha o seu paideuma construído e cultivado paulatina e intensamente no curso de uma vida longa: na cultura universal privilegiou sempre certos autores (como Dante, Homero e outros), às vezes considerados menores como Wells e Kipling, por exemplo.

Borges, aristocrata da cultura, encharcado de referências culturais universais, que soube apreciar e utili-

zar em sua obra realizações tão diversas como as *Mil e uma noites*, o sempre presente Schopenhauer, os contos policiais, Poe principalmente, esteve atento também à vida popular argentina e às culturas populares argentinas.

Ele incorporou à sua literatura exigente e erudita os motivos populares, a vida turbulenta dos arrabaldes, com seus “compadritos” e suas estórias de punhal e sangue. Divergiu certamente de muita gente ao preferir a milonga (música e poesia populares) ao tango – realidade, tradição, mito argentino.

Na “biografia” ou melhor ensaio literário, crítico, pessoal com elementos biográficos que Carneiro escreveu, ele, ao posicionar-se diante de Borges, ao apreciar as suas diversas obras e estabelecer hierarquias entre elas, justificando a estas, toma posição igualmente frente aos estudiosos e biógrafos da obra borgiana.

Critica os excessos epistemológicos e minudentes na análise da obra de Borges, os quais “tergiversan su claridad y su sentido”. Parece ser o autor partidário de uma leitura íntima, límpida, ingênua da obra de Borges: De preferência “a Borges hay que leerlo en voz alta. Para comprender por fin el sostén de su genio: esa música inaudible que percute en los acentos, el hálito de las palabras significando la condición plena del ser humano”.

Em relação a María Esther Vásquez, colaboradora, estudiosa e biógrafa de Borges, reconhece seus méritos neste último caso, mas não concorda com suas críticas a María Kodama, defendendo-a do mesmo modo das amigas e estudiosos de Borges que a criticaram, vendo-a como tendo um amor sincero por Borges.

O escritor galego procurou valorizar o livro *El hacedor*, constituído de mate-

riais heterogêneos, afirmando ser ele muito pessoal, expressão do universo simbólico de Borges, enfim, “el florilegio de sus obsesiones más literárias”. Afirma a necessidade de redescobrir a poesia de Borges, objeto de alguns de seus comentários e que permeia o seu texto, constituindo quase uma mini-antologia do poeta Borges.

Dedica todo um capítulo à análise de *El Aleph*, para ele a melhor realização literária de Borges: “El escritor de profundas reflexiones metafísicas, el escéptico y descreído, el eterno perfeccionista, el inventor del laberinto como sustancia literaria, el buceador de la identidad del ser humano y de su condición mental, el filósofo que procura el significado y los recovecos del tiempo, el sabio perdido en los enigmas del universo, el artista que concede a la palabra importancia fulcral como elemento constructor de la realidad... todos los Borges están aquí presentes”.

Carneiro mostra que a figura literária construiu-se aos poucos, numa atividade ininterrupta de escritor, que reescreveu muitos de seus trabalhos e mesmo renegou escritos de juventude.

Carneiro observa que nos últimos anos de vida Borges procurou escrever obras definitivas que sintetizassem todo seu universo literário: buscou construir ele mesmo sua própria imagem eterna de escritor.

Mas no final da vida Borges não era somente um homem, um escritor clássico do século XX. A sua figura atingiu a dimensão do mito.

Expressão disto foi a conferência inaudível por ele pronunciada numa cidade americana, dentro de um silêncio total e com uma apoteose de ovações: para o público a não-escuta não tinha

importância, só a presença de Borges já era suficiente para o seu júbilo.

Milton Carlos Costa

*UNESP, Assis
camilamatheus@bol.com.br*